

# CABRAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DA SUA ÉPOCA.

## AS IMPLICAÇÕES DA SUA TEORIA DE CLASSES E LUTA DE CLASSES

Neste trabalho, analiso o pensamento de Amílcar Cabral, mostrando resumidamente a relação das suas ideias em teoria e na prática, como ele as aplicou a diferentes situações tanto a nível internacional como nacional. Uma síntese da sua obra escrita revela quatro preocupações essenciais: colonialismo e imperialismo; nacionalismo e libertação nacional; classes e luta de classes; e Estado e desenvolvimento. Aqui vou-me debruçar sobre a sua teoria de classes e luta de classes, que não só era particularmente relevante para a sua luta revolucionária mas, tem também implicações na luta que se trava noutros lugares.

Ainda está por escrever a biografia completa de Cabral, mas os testemunhos são claros. Em primeiro lugar ele destaca-se na história como um grande revolucionário. Cabral, particularmente, surgiu como um pensador na tradição de Marx, Lenine, Trotsky e outros que nos deixaram um legado de experiência revolucionária, mas conquanto tenha certamente <sup>lido</sup> suas obras e tenha sido com efeito, influenciado por elas, raras vezes se referiu às mesmas e nunca as citou nos seus próprios escritos. Cabral foi contemporâneo da revolução bem sucedidas tais como Ho Chi Minh e Ernesto "Che Guevarra", e ainda que indubitavelmente influenciado pelas suas ideias e pela sua experiência, as suas próprias ideias eram, em larga medida, baseadas na sua experiência particulares. Nas décadas que se seguiram <sup>Segun</sup> do Guerra Mundial e à queda do império colonial em África, a figura de Cabral foi talvez <sup>obscurecida</sup> pelos outros revolucionários africanos tais como Lumumba e Nkrumah, mas a história demonstrará que Cabral foi uma das figuras notáveis da nossa época.

Os estudiosos próximos de Cabral já pronunciaram o seu veredicto sobre a sua estatura na história. Associando a figura de Cabral às de outros <sup>eminentes</sup> encinantes africanos, Mário de Andrade referiu-se a três em particular: Kwame Nkrumah, o visionário, Patrice Lumumba, o <sup>m</sup> mártir, Amílcar Cabral, o unificador. Como unificador e mobilizador foi tanto um teórico e como homem de acção em busca in<sup>extinguível</sup> da realidade, revelando as raízes profundas, as causas fundamentais, tantas vezes turvadas no tumulto da acção revolucionária" (2). Gérard Chaliand também identificou três exemplos de líderes revolucionários africanos: O mártir, Patrice Lumumba, o visionário Kwame Nkrumah e o revolucionário por excelência Amílcar Cabral. Tanto o seu pensamento como a sua estatura colocam Cabral para além da luta contra o colonialismo português, e ele deve ser visto como uma das figuras proeminentes <sup>do</sup> terceiro Mundo.

(3) Basil Davidson escreveu: Um supremo educador na melhor acepção da palavra, Cabral pode, mesmo agora, ser reconhecido como uma das grandes figuras do nosso tempo. Não precisamos de esperar que o julgamento da história nos diga isso. A prova está ao nosso alcance(4).

Cabral ingressou na história de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, desde cedo como poeta e como alguém que compreendia o valor da cultura e a interpretou como uma arma na luta pela independência, mais tarde como um agrônomo cujos inquéritos e análises agrícolas viriam fornecer uma base para planificar a economia futura da sua terra natal, depois, como um revolucionário que enfrentou o colonialismo português fundando um partido e conduzindo-o ao longo de uma década de luta enquanto construía uma *infraestrutura* de instituições sociais, económicas e políticas entre o seu povo nas zonas libertadas, e finalmente como um teórico cujas *análises* marxistas e cujo pensamento original contribuíram para as possibilidades e limitações da luta de classes e dos movimentos de libertação nacional em sociedades africanas(5).

O lugar que Cabral ocupa na história da África e na história do mundo deve-se à sua preocupação de destruir o colonialismo português para que a África pudesse seguir o caminho do seu próprio desenvolvimento. Deu o seu exemplo pela participação na luta armada como um prolongamento da luta política. Na *arena* internacional ele conseguiu o apoio de numerosos governos africanos e de outros governos, de manter uma política de não-alinhamento, obteve ajudas de variadas fontes e proclamou a independência da Guiné-Bissau, precipitando com isso o colapso de "império" português e a queda do regime facista em Portugal.

Como poeta, agrônomo, combatente, teórico, e diplomata, Cabral abordou os problemas da vida dialécticamente. Por um lado, era intelectual e teórico, por outro lado era um organizador e um unificador. Ao mesmo tempo, justapôs com êxito a acção no plano nacional e a nível internacional. Por *um* lado a sua luta era dirigida no sentido da eliminação da presença portuguesa nas colónias, por outro lado ainda a sua luta visava *minimizar* o imperialismo no contexto internacional mais amplo. Davidson apreendeu a essência desta luta e como Cabral actuava no país e no estrangeiro: O que Cabral dizia no país era o mesmo no seu conteúdo que o que dizia no exterior, ainda que a forma fosse muitas vezes diferentes.

O seu argumento no estrangeiro e muitas vezes foi *em* publicista brilhante, era *invariavelmente* a verdade que ele extraía do estudo da realidade da sua terra: a mesma verdade, com a mesma conclusão que advogava no interior das florestas do seu país.(6). Com o método dialéctico na base das suas análises, Cabral sugeriu categorias de classe e uma forma de

→ Na sua análise da sociedade, Cabral procura divisões e contradições por toda a parte: <sup>religiões</sup> religiões, grupos étnicos, classes sociais, entre outras em consideração. Os colonialistas brancos Europeus suportavam uma continuidade da presença portuguesa, enquanto os Africanos negros tendiam a apoiar a luta de libertação. 13

abordar o estudo da luta de classes(?).

Católicos e protestantes tendiam a apoiar o regime colonial e eram apoiados por alguns elementos muçulmanos, enquanto que a maior parte dos africanos animistas aderira ao esforço de libertação. Entre as várias tribos existentes na Guiné-Bissau, os Fulas e os Manjacos tinham uma estrutura social organizada verticalmente com chefes e líderes religiosos muitas vezes <sup>impunha</sup> imposta pelos portugueses, constituindo uma espécie de classe dirigente no topo dessa estrutura, ao passo que os Balantas estavam organizados horizontalmente com famílias autónomas, participando coletivamente no trabalho; os dirigentes dos Fulas e dos Manjacos tendiam a apoiar os colonialistas, enquanto se podia contar com o apoio dos Balantas para a luta de libertação.

Dadas essas divisões Cabral estava particularmente preocupado em identificar as várias classes sociais e avaliar o seu potencial revolucionário. Marx tinha proporcionado uma análise em profundidade das divisões sociais existentes na França nos meados do século XIX.

<sup>Sem paráfrase</sup> ... Em "A luta de classes em França" e em "Dezoito de Brumário" Marx reconheceu a existência de muitas classes numa sociedade em formação que tinha ainda de amadurecer e desabrochar em capitalismo; a luta de classes não era limitada a uma burguesia dominante claramente definida e um proletariado explorado, e outras classes <sup>tinham</sup> que ser consideradas numa análise de classe da sociedade francesa. Para Cabral a situação na Guiné-Bissau e em Cabo Verde era radicalmente diferente. O colonialismo e o imperialismo tinham deixado a sua marca, mas o capitalismo era quase inexistente, especialmente na Guiné-Bissau. Devido a este estado de subdesenvolvimento, a burguesia <sup>era</sup> reconhecível na administração colonial e nos elementos pequeno-burguesia urbanos e rurais, ao mesmo tempo que se encontrava um pequeno proletariado entre grupos <sup>dispar</sup> dispersos de trabalhadores semi-qualificados a qualificados, geralmente em Bissau.

Uma concepção de classe e de luta de classes surge com certa <sup>prevalência</sup> ~~prevalência~~ no seu discurso talvez mais importantes, dirigido à Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina, em Havana de 3 de Março de 1960(8).

O seu discurso na Universidade de Lincoln, em 15 de Outubro de 1972, foi também importante(10). Estas três declarações oficiais, todas proferidas num cenário internacional, permitem, desta forma, delinear a sua teoria de classes e luta de classes.

.../...

Baseando-se na sua própria experiência, Cabral afirmou que não se pode fazer <sup>uma</sup> revolução sem uma teoria revolucionária, que a força motriz da história é a luta de classes, e que a formação de classes e a luta de classes depende do nível das forças produtivas e da propriedade dos meios de produção. O desenvolvimento das forças <sup>produtivas</sup> de produção, achava ele, processava-se de forma gradual e irregular e, uma vez que se atinja um certo nível de acumulação, aparecem também mudanças qualitativas nas classes e <sup>na</sup> luta de classes. Factores externos, como por exemplo <sup>de fora</sup> formas de dominação imperialistas, podem acelerar ou atrasar este processo. Mas a história não começa com o <sup>aparecimento</sup> ~~o~~ <sup>de</sup> classes e de luta de classes, pois isso colocaria muitos povos fora da história. Portanto a luta de classes como força motriz da história tem de se exercer num período histórico específico, determinado pelo modo de produção identificável pelo nível das forças produtivas e pelo regime de propriedade. A história, contudo, tem continuidade mesmo depois do desaparecimento <sup>de</sup> classes e de luta de classes. A história existe assim, tanto antes como depois da luta de classes. "A interinidade não é desde mundo, mas o homem viverá depois de desaparecimento das classes e continuará a produzir e a fazer história, visto que ele nunca se poderá libertar do peso das suas necessidades físicas e intelectuais, que são a base do desenvolvimento das forças produtivas"(11).

A história é vista pelo menos em três fases: <sup>uma</sup> ~~essa~~ forma primitiva com um baixo nível de forças produtivas, ~~sem~~ <sup>sem</sup> meios de apropriação privada de meios de produção e, conseqüentemente, ~~sem~~ <sup>sem</sup> luta de classes; numa fase mais evoluída caracterizada pela apropriação privada de meios de produção ~~em que~~ <sup>em que</sup> os combatentes de interesse são evidentes e ~~há~~ <sup>há</sup> possibilidade de luta de classes; e ~~uma~~ <sup>uma</sup> fase superior em que um certo nível das forças produtivas é acompanhado pela ~~eliminação da~~ <sup>eliminação da</sup> apropriação privada dos meios de produção, são eliminadas as classes, e a luta de classes, e forças novas e desconhecidas ~~aparecer~~ <sup>aparecer</sup>.

Cabral denomina estas fases respectivamente de <sup>agro-peculária</sup> agrícola ~~comunal~~ e <sup>Comunitária</sup> sociedades ligadas à criação de ~~gado~~ <sup>em que a</sup> ~~estrutura~~ <sup>estrutura</sup> social e história e ~~em que não há um~~ <sup>em</sup> ~~estado~~ <sup>em</sup> ~~sociedade~~ <sup>em</sup> ~~agrô-feudal~~ <sup>em</sup> ~~assimiladas e~~ <sup>em</sup> ~~sociedade~~ <sup>em</sup> ~~agro-industriais~~ <sup>em</sup> ~~com~~ <sup>em</sup> ~~uma~~ <sup>em</sup> ~~estrutura~~ <sup>em</sup> ~~vertical~~ <sup>em</sup> ~~e a~~ <sup>em</sup> ~~presença~~ <sup>em</sup> ~~de um~~ <sup>em</sup> ~~estado~~ <sup>em</sup> ~~as~~ <sup>em</sup> ~~sociedades~~ <sup>em</sup> ~~socialistas~~ <sup>em</sup> ~~ou~~ <sup>em</sup> ~~comunistas~~ <sup>em</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> ~~que o~~ <sup>em</sup> ~~estado~~ <sup>em</sup> ~~tende~~ <sup>em</sup> ~~a~~ <sup>em</sup> ~~desaparecer~~ <sup>em</sup> ~~e a~~ <sup>em</sup> ~~estrutura~~ <sup>em</sup> ~~social~~ <sup>em</sup> ~~evolui~~ <sup>em</sup> ~~horizontalmente~~ <sup>em</sup>. Dado o carácter irregular do desenvolvimento das sociedades estas fases podem combinar-se e, assim, a história não precisa de ser vista exclusivamente em termos de um <sup>único</sup> modo de produção. <sup>Além disso</sup> ~~Ulteriormente~~ <sup>em</sup>, não é necessário uma sequência de fases particular. Pode verificar-se um salto no processo histórico de criação de ~~se~~ <sup>em</sup> ~~sociedade~~ <sup>em</sup> ~~socialistas~~ <sup>em</sup> ~~mas~~ <sup>em</sup> ~~o~~ <sup>em</sup> ~~progresso~~ <sup>em</sup> ~~depende~~ <sup>em</sup> ~~das~~ <sup>em</sup> ~~possibilidades~~ <sup>em</sup> ~~específicas~~ <sup>em</sup> ~~na~~ <sup>em</sup> ~~...~~ <sup>em</sup> ~~...~~

ra o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade e é condicionado pela natureza do poder político que dirige essa sociedade, isto é, pelo tipo de Estado, se quisermos, pela natureza de classe ou classes dominantes dentro da sociedade"(12).

Embora a identificação de classe não assegure uma análise de classes / perfeita, permite <sup>reconhecer</sup> ~~reconhecer~~ elementos que se devem combinar na luta de classes, e Cabral não hesitou em categorias de classes de maneira a formular distinguir as estratégias mais apropriadas a adoptar pa ra ganhar a revolução. Para se compreender a importância dessas categorias é preciso examinar mais prezorosamente o seu significado.

(A tradução desta <sup>parte</sup> ~~parte~~ vem no fim) ②

Na maior parte dos países dominados o capitalismo avançado opera no sentido de multiplicar a mais valia. Nalguns casos surge uma minoria local com um padrão de vida privilegiado enquanto noutros se forma uma burguesia local.

(ver tradução no fim) ②  
No campo pode surgir uma classe de agricultores pequenos-burgueses. Há finalmente, uma pseudo-burguesia nativa que emerge de uma pequena burguesia de burocratas e compradores dentro do sistema de trocas existentes; além disso, a propriedade agrícola privada expande-se ao mesmo tempo que se forma um proletariado agrícola de trabalhadores assalariados. O poder estatal pode ser dominado por elementos nativos, criando assim a ilusão de que uma burguesia nacional está a desempenhar o seu antecipado papel progressista de promover um desenvolvimento capitalista.

sem parágrafo  
Mas, argumenta Cabral, esta burguesia nacional não pode conduzir livremente o desenvolvimento das forças produtivas, porque está sujeita a classes dirigentes dos países dominadores. Uma solução nacionalista para o desenvolvimento não pode ser alcançada sem a destruição da estrutura capitalista imposta à nação dependente pelo imperialismo.

Na Guiné-Bissau uma pequena classe colonial capitalista dominava pelo poder político económico e militar e pela cooptação de fracção de certas classes. Cabral realçou, em particular, a forma como esta classe colonial perpetuava a exploração e <sup>degradação</sup> ~~degradação~~ a vida cultural dos africanos através da política de assimilação e divisão entre as <sup>elites</sup> ~~elites~~ indígenas e as massas populares. O domínio contínuo exercido por esta <sup>classe</sup> ~~dependência~~ em parte das acções da pequena burguesia urbana, classe que assimila a mentalidade colonializadora e se considera superior. Segundo Cabral esta classe é constituída por "funcionários públicos", pessoas empregadas em vários

ramos da economia, especialmente comércio, profissionais e alguns proprietários urbanos e rurais" "situando-se entre as massas trabalhadoras da cidade e do campo e o pequeno número de representantes da classe dominante estrangeira"(13). Esta pequena burguesia debate-se entre a sujeição *continua* ao capitalismo imperialista, com a possibilidade de vir a transformar-se numa *pseudo*-burguesia nacional negando, assim, o objectivo da libertação nacional ou rejeitando as suas inclinações burguesas. Elevar a consciência revolucionária e aderir à luta de libertação, segundo Cabral, esta escolha é decisiva; "A alternativa - *trair* a revolução ou *se suicidar* - como classe, constitui o dilema da pequena burguesia no quadro geral da luta de libertação nacional"(14) Esta classe é, contudo, essencialmente "marginal" e uma vez isolada das massas africanas, há possibilidades de ela "regressar às origens". Este regresso às origens é um *deportar* e uma rejeição pela burguesia da cultura e da autoridade dos dominantes a que se submete. Este regresso às origens só beneficia a luta se se estabelecer do indivíduo para grupos e movimentos: "O regresso às origens" só tem importância *histórica* se implicar não só uma participação real na luta pela independência, mas também uma completa e absoluta identificação com as aspirações das massas populares, que não só contestam a cultura estrangeira, mas também a dominação estrangeira em geral(15).

Esta concepção de classe foi pormenorizadamente desenvolvida numa série de preleções feita por Cabral aos quadros do partido na Guiné-Bissau(16). Nessas preleções <sup>os</sup> ~~se~~ *concentra* a devise do PAIGC "Unidade e Luta", unidade para se obter força e enfrentar as contradições internas e luta para vencer a dominação colonial. Cabral explicou então esta devise em termos de contradição de classe. Dum lado havia a classe colonial branca de **Portugueses** que politicamente são incapazes de se opor a qualquer regime e persiste na sua defesa do colonialismo. Do outro lado havia os **africanos** conduzidos pela pequena-burguesia, por sua vez dividida em três categorias, quer residentes na Guiné-Bissau quer em Cabo Verde, incluindo um pequeno e poderoso grupo que defendia os colonialistas; uma maioria de indecisões que queriam que os colonialistas saíssem, mas tinham medo de *expressar* ~~explícito~~ aos seus sentimentos pela acção, e um grupo maior pequeno que lutava contra o colonialismo. Havia também os trabalhadores assalariados, a maioria dos quais *simpatizava* com a luta e *uma* minoria que *simpatizava* com o colonialismo. Estes trabalhadores eram carpinteiros, pedreiros, mecânicos, condutores de viaturas e <sup>motoristas</sup> ~~motoristas~~. Na Guiné-Bissau entre a pequena burguesia e os trabalhadores havia essa espécie de classe "lumpen" ou *seu* grupo "de classe" (Cabral disse que *veria* *em* *proletariado* *lumpen* se houvesse um proletariado real) de pessoas, sem ocupação, alguma das quais serviam de agentes da polícia secreta portuguesa. Havia, além disso, uma classe (Cabral

<sup>16</sup> não deu qualquer nome) de trabalhadores em regime de tempo parcial ou desempregados que andavam em contacto com os portugueses, podem ter sido prestígioos futebolistas, impressionados pelos bens materiais, mas humilhados <sup>nas</sup> pelas suas relações com os colonialistas, visando-se, assim, muitos, para a revolução. Nas zonas rurais havia os Balantas estruturados horizontalmente e sem Estado; os Manjacos que tinham sido impostos aos Balantas como chefes ao serviço dos portugueses; e os Fulas ("semi-feudais") e Mandingas (feudais quando os portugueses chegavam, pela primeira vez à Guiné), organizados vertical e hierarquicamente em classes de topo até à base.

Entre os Fulas, Cabral referiu-se à classe dirigente dos chefes tradicionais, das famílias nobres e chefes religiosos cuja autoridade política estava ligada à administração colonial. Estas classes <sup>incluam</sup> os camponeses (obrigados a trabalhar para os chefes durante parte do ano), na base; artesãos (ferreiros, <sup>trabalhadores de</sup> artistas em couro, etc.) acima deles; vendedores ambulantes (djilas); e finalmente, os líderes religiosos e os chefes, no topo.

A estrutura das classes <sup>na</sup> é diferente em Cabo Verde, segundo Cabral. Havia grandes e pequenos proprietários, embora os primeiros tenham perdido a maior parte das suas terras devido à seca e à má administração colonial. Essas terras ficavam sob o controlo dos brancos. Havia uma classe de agricultores arrendatários que dependiam dos grandes proprietários e dos brancos e meeiros. Havia também um pequeno número de trabalhadores agrícolas que, infelizmente, não eram suficientes para formar uma classe. Cabral ag muniu que os grandes proprietários apoiariam os colonialistas enquanto os pequenos proprietários dividiriam o seu apoio entre os colonialistas e os que lutavam por uma mudança <sup>deles</sup> semelhantes à pequena burguesia rural da Guiné-Bissau.

Dadas estas diferentes estruturas de classe, Cabral tentou mostrar que as aparentes contradições entre a vida em Cabo Verde e a vida na Guiné-Bissau eram mínimas. Os caboverdianos tinham maior educação e tinham servido a administração colonial na Guiné. Contudo, o povo, nos dois países, <sup>na</sup> explorado de forma semelhante, e o comportamento de classe não era muito diferente. Mas se estudarmos a questão de perto, verificamos que a tendência geral desta pequena burguesia guineense é de coexistir facilmente com a pequena burguesia caboverdiana. A tendência geral é para se compreenderem <sup>mutuamente</sup> militarmente ao lado dos portugueses. Nunca vimos, no mate por exemplo qualquer contradição entre caboverdeanos e guineenses (17)

A síntese que eu fiz revelou as categorias de classes, um método de análise de classes, e as implicações relativas à luta de classes <sup>conhecidas</sup> <sup>no</sup> escritas por escritos de Cabral. Na essência, poucas diferenças se notam entre o que ele expõe perante auditórios internacionais e ~~o~~ Seminário de quadros no seu país. Pode-se argumentar que a discussão a nível internacional era mais abstracta, intelectualmente interessante <sup>ou</sup> ~~em~~ então mais pormenorizada. Da mesma forma, nas preleções com os quadros do Partido Cabral punha mais ênfase sobre a semelhança e a compatibilidade da luta na Guiné e em Cabo Verde. Mas estas diferenças parecem mais aparentes que reais e não podemos deixar de nos impressionar com a forma clara concreta como conseguia comunicar as suas ideias em ambos os níveis.

(Falta de parágr. - ver tradução ao verso) →

Primeiro, os escritores que conseguiram tornar conhecida a revolução guineense e retratar o papel de líder desempenhado por Cabral ac en faram, em geral, mais os aspectos organizativos do que os aspectos teóricos da revolução. Chaliand, num dos seus primeiros trabalhos sobre este tema, dedicou algumas páginas úteis à questão da luta de classes na cidade e no campo; estas são identificadas mas não explicitamente integradas no relato que faz da sua experiência e impressões pessoais da Guiné(18). Da mesma forma, Basil Davidson, no seu estudo pioneiro, concentrou-se em impressões colhidas em primeira mão, ainda que tenha, com efeito, resumido os pontos principais da intervenção de Cabral em 1966 na Conferência Tricontinental(19); Lars Rudebeck dedicou um capítulo à ideologia e aos objectivos do PAIGC, concentrando-se no pensamento de Cabral, incluindo a en fase dada às classes e à luta de classes(20).

Segundo, alguns escritores estão preocupados em determinar até que ponto Cabral se afasta do Marxismo clássico. O facto de Cabral fazer referência a forças produtivas, relações de produção e modos de produção e a importância que dá ao desenvolvimento combinado e desigual através da história, coloca claramente a sua análise num quadro dialéctico e materialista histórico. Rudebeck contesta a interpretação da história feita por Cabral e põe um dúvida se é fiel à dialéctica, mas afirma que Cabral extraiu a sua teoria da luta concreta contra o colonialismo e o imperialismo(21). <sup>Opoku</sup> Lembra-se que Cabral não está a opor-se à interpretação marxistas <sup>dos</sup> ortodoxas quando rejeita a tese de que a história começa com classes. Ele mostrou ainda que Cabral provavelmente aceitaria a tese, apresentada por Engels de que o Estado se torna necessariamente de uma classe dominante à medida que a luta de classes evolui através da história(22)

Observação <sup>dos</sup> como estas sugerem que Cabral era não só fiel ao método marxista mas também ao enunciado de que uma boa teoria não pode ser ba-



seada apenas nas ideias dos outros, mas deve sim ser submetido a condições concretas e históricas de experiências reais em que a teoria está a ser à prova. O mais certo é que a praxis ou a <sup>interacção</sup> dialéctica entre a teoria e a prática, tenha orientado o pensamento e a acção de Cabral.

Terceiro, há interesse na contribuição <sup>excepcional</sup> excepcional de Cabral para uma teoria da pequena burguesia no contexto da situação africana.

*Chaliand* afirmou que "Cabral deu uma contribuição teórica original sobre o alcance e os limites da luta de classes <sup>nas</sup> sociedades africanas, sobre o papel e a ambivalência da pequena burguesia à frente do movimento de libertação nacional... (23).

*San patif* (*Opoku*) contesta que a burguesia e o proletariado não figuram na análise de Cabral, contrariamente à atenção dada pelas modernas <sup>correntes</sup> correntes de pensamento a essas classes. (24) Mas isso é mais um reflexo do baixo nível das forças produtivas na Guiné do que uma mudança radical na análise de classes sociais. Cabral referiu-se a trabalhadores assalariados em vez de proletariado, mas ao tratar dos estivadores e dos balseiros, ele aponta a sua consciência de classe e a sua iniciativa em organizar greves e ainda a forma como, sem qualquer liderança sindical, formavam núcleos com outros grupos assalariados das cidades.

*San patif*. "Encontramos assim," exclamou ele, "o nosso pequeno proletariado" (25).

*Quanto* há atenção dada à preocupação de Cabral em relação à cultura e a sua tentativa de combinar uma análise de <sup>de produção</sup> modos materialistas de produção com a ideia da cultura. <sup>Tinadu</sup> Tinadu concentrou a atenção neste tema num esforço de contestar a tese errónea de que o pensamento político africano não tem substância nem significado. <sup>Tinadu</sup> Tinadu explicou que a contribuição de Cabral nos seguintes <sup>temas</sup> termos é que os modos de produção materialista concebem-se melhor no contexto mais amplo da cultura como uma maneira de viver a que se podem então referir, no que diz respeito à concepção institucional. Porque em última análise os sistemas políticos são também produtos culturais (26) Tinadu sugeriu que Cabral se observar que a luta de libertação nacional é geralmente precedida de um aumento da expressão cultural <sup>a</sup> nega a suposta antítese entre a luta revolucionária e o nacionalismo cultural (27). É uma área teórica sensível e de que Cabral tratou <sup>um</sup> um tanto pormenorizadamente, inspirada em parte pelo pensamento de seu camarada moçambicano Eduardo Mondlane (28). É <sup>tema</sup> naturalmente uma <sup>tema</sup> tema pol. que se interessou *Mário de Andrade*.

Finalmente, há interesse no papel do campesinato. Como se pode realizar a libertação e a independência nacionais sem uma classe operária

nal desenvolvida e como pode o campesinato ser utilizado na luta? *O'Brien* lembra-nos que os camponeses da Guiné não eram trabalhadores assalariados nem entravam em: "relações directas de produção com o capital sem passar por intermediários... A decisão quanto a que devia ser produzido, de volume da produção e da divisão de trabalho foi deixada aos camponeses.... a mais valia obtida do campesinato pelos portugueses era extraída por meio de mecanismos indirectos. Uma vez extraído do sistema do campesinato esse produto ou mão de obra excedente, entrava nas mãos dos capitalistas, para os quais passará a ser mais valia abstracta que funcionava como capital na economia capitalista. Em termos específicos, reentra na economia colonial para o campesinato sobretudo, na forma de mercadorias de que necessitam e do aparelho físico e organizativo necessário para manter e reproduzir as condições da sua sujeição ao sistema capitalista.

*sem parágrafo* O processo de produção camponês foi portanto integrado na reprodução ampliada do capital, participando nela.

(2a) *O'Brien* sugere em seguida que esse carácter proletário não faz do campesinato esse proletariado, devia à sua contraditória definição como classe. Se por um lado isso explica a necessidade de se concentrar na pequena burguesia na explicação das condições revolucionárias potenciais na Guiné, *O'Brien* por outro lado iniciou um aliciante inquérito sobre o papel revolucionário potencial do campesinato, e a sua análise foi inspirada pelo pensamento de Cabral e pela vitoriosa revolução na Guiné. *Mc Colister* e a maioria dos outros escritores admitem a fraqueza do campesinato como força revolucionária, dada a sua estrutura básica se manteve intacta, mas o seu papel na resistência cultural foi ligado à defesa da cultura indígena face à "missão civilizadora" do colonizador. Foi este aspecto que Cabral focou em "relações dependentes e recíprocas entre a luta de libertação nacional e a cultura" no seu discurso de Syracuse. A libertação nacional e a cultura, em "Unidade e Luta".

*(retirado no verso)* ~~Esse aspecto interessou a Cabral e devia ser estudado mais profundamente.~~

A sua orientação teórica, dentro da tradição marxista e o ponto até onde seguiu concepções tradicionais, ou concepções novas, ressaltou da sua experiência revolucionária; a ênfase que ele põe no potencial revolucionário da pequena burguesia, dada a *fraqueza da* pequena burguesia e do proletariado, e a atenção que ele dá ao campesinato e à sua resistência cultural como prelúdio da revolução, são temas que podem ser relevantes na luta armada, podem constituir as alianças revolucionárias e frentes unidas possíveis e a formação de uma vanguarda revolucionária. Questões relativas a como institucionalizar a revolução, uma vez no poder, e a como assegurar a participação de

democrática podem ser significativas. Em todo o caso, espero que a minha pesquisa estimule outros a investigar mais profundamente estes importantes temas, questões, e pontos de discussão. O pensamento e a experiência de Cabral servem assim de base e trampolim para essa empresa.

① É possível uma análise de classe desde que o capitalismo tenha permitido o desenvolvimento das forças produtivas, o amadurecimento da burguesia e a intensificação da luta de classes. O imperialismo e o movimento do capital no seu último estágio afectam estas condições e estimulam o desenvolvimento de certas forças de classe.

② Geralmente, numa situação colonial e de acordo com Cabral, a introdução de dinheiro e a urbanização podem alterar a composição das classes sociais. As classes nativas dirigentes perdem prestígio em face da crescente influência exterior, parte da população camponesa move-se dos campos para centros urbanos, e aparecem novas classes tais como os trabalhadores assalariados, os empregados de estado, e os mercadores e os profissionais.

ROBERTO CHILCOTE